

Apêndice VI – Análise de Conteúdo das entrevistas com as educadoras

b – ENTREVISTA COM A EDUCADORA CELINA

EIXO DE ANÁLISE: ENTREVISTA COM A EDUCADORA CELINA Notas sociográficas	
CATEGORIAS e SUBCATEGORIAS	RECORTES
Trajetória pessoal	
Então, eu estava a trabalhar há dez anos em S. C. da M. e tinha muita sorte, porque tinha um...o sítio onde eu trabalhava tinha um jardim gigantesco. E, normalmente, eu vinha sempre cá para fora com os miúdos. <i>Mas</i> , ao fim destes dez anos, a verdade é que eu já me sentia muito cansada do...do ritmo todo da S. C.. E...era um lugar de que eu gostava muito, mas que parecia que faltava assim qualquer coisa. Entretanto, eu tive que tirar uma licença sem vencimento de seis meses e...nesses seis meses parece que me deu assim... (pausa) mesmo vontade de mudar, não é? Mais do que de voltar. E, foi quando foram os incêndios em 2017...e isso ainda me fez mais crer que a educação tinha papel importante para Portugal, pronto. E que eu, como educadora, poderia fazer qualquer coisa. E quase no finzinho desses seis meses telefonou-me a Raquel, que eu conhecia de tempos da escola Reggio Emilia, em 2012, que fomos mantendo, de alguma maneira, o contacto...e ela telefonou-me a dizer que...a pessoa que estava cá com ela tinha ido embora e que ela não tinha muitas condições para me oferecer mas, que ela achava que este lugar era para mim. Pronto. E eu, a verdade, é que senti que sim. (p.01)	
Motivações	
Importância da natureza	Então, eu estava a trabalhar há dez anos em S. C. da M. e tinha muita sorte, porque tinha um...o sítio onde eu trabalhava tinha um jardim gigantesco. E, normalmente, eu vinha sempre cá para fora com os miúdos. (p.01)
	E, foi quando foram os incêndios em 2017...e isso ainda me fez mais crer que a educação tinha papel importante para Portugal, pronto. E que eu, como educadora, poderia fazer qualquer coisa. (p.01)
	RENATA - E o quê que nesse lugar você acha que era para você? CELINA - É... (pausa). Em termos do espaço em si, óh pá, é o verde todo, e esta possibilidade de fazermos o que nos.. o que nos, é...(pausa) sugere o espaço também, não é? (p.01)
	RENATA - E o que você acha que são essas coisas possíveis e não possíveis? CELINA – É realmente aprender...a brincar. E...aprender no meio da natureza. Tanto em termos cognitivos, como em termos afetivos, como das aprendizagens motoras. Ou seja, todas as coisas que estão definidas nas orientações curriculares, e que, normalmente, fazemos formalmente, ou organizamos coisas formais para poderem acontecer...(pausa). A brincar e a brincar na natureza elas acontecem na mesma, o nosso papel como educadora é que tem mesmo que mudar e, às vezes, isso é que é o difícil... (p.02)
Brincar	RENATA - E o que você acha que são essas coisas possíveis e não possíveis? CELINA – É realmente aprender...a brincar. E...aprender no meio da natureza. Tanto em termos cognitivos, como em termos afetivos, como das aprendizagens motoras. Ou seja, todas as coisas que estão definidas nas orientações curriculares, e que, normalmente, fazemos formalmente,

		ou organizamos coisas formais para poderem acontecer...(pausa). A brincar e a brincar na natureza elas acontecem na mesma, o nosso papel como educadora é que tem mesmo que mudar e, às vezes, isso é que é o difícil... RENATA - Uhum (expressão de confirmação). CELINA - De gerir, mas, isso que eu desconfiava que era possível haver uma outra maneira, é possível. Não... eu agora não tenho dúvidas. Exige é muito de nós essa transformação. Era isso que me estavas a perguntar? (p.02)
		RENATA - E o quê que nesse lugar você acha que era para você? CELINA – (...) depois, em termos de projeto, é poder experimentar uma... também algumas propostas...algumas ideias...que eu desconfiava que eram possíveis. E que são...outras que não são. Mas, essa possibilidade de experimentar e não ter...(pausa) só que estar a cumprir coisas que me são exigidas. Dentro do que é exigido, poder brincar aqui também um bocado. (p.01)
Aprendermos todos a fazer isto em...em conjunto		RENATA - Então, me conta um pouco da proposta. CELINA - Melhor perguntar à Raquel (risos). RENATA - Mas, você vive essa proposta no dia a dia, né? CELINA - Sim. RENATA - Acho que quem está ali com a mão...na massa todos os dias... CELINA – (...) O que eu acho é, sem dúvida que o projeto do Heróis da Terra é brincar, é brincar na natureza, está ligado a pedagogia de Reggio Emilia, no sentido da...do papel do educador, das propostas que são feitas, do espaço ter uma importância quase fundamental nas aprendizagens...(pausa, o pai da criança aparece na porta mais uma vez. Risos). Acho que, no dia a dia, nós ainda estamos a perceber como é que, realmente, na prática isso se faz ou se é só teoria. E...porque a proposta do Heróis da Terra é mesmo brincar a partir do.. do que eles nos vão...mostrando, não precisam de falar às vezes. Mas, do que eles nos vão mostrando, que são os interesses e como é que nos podemos os ajudá-los a transformar isso numa coisa enraizada neles...e...que seja realmente uma aprendizagem. E acho que isso é o aliciante do projeto do Heróis da Terra para mim. Acho que é...realmente, uma construção de como é que isso se faz, e...em conjunto. Para mim, o mais bonito do Heróis da Terra é...(pausa) aprendermos todos a fazer isto em...em conjunto. Acho que é...o que eu mais...é a vontade que eu tenho de vir todos os dias é porque sei que vamos fazer em conjunto com os miúdos, com...não há nada que não seja negociado com eles, não há nada que não seja... conversado. (p.03/04)
Vontade de mudar	“faltava assim qualquer coisa”	Mas, ao fim destes dez anos, a verdade é que eu já me sentia muito cansada do...do ritmo todo da S. C.. E...era um lugar de que eu gostava muito, mas que parecia que faltava assim qualquer coisa. Entretanto, eu tive que tirar uma licença sem vencimento de seis meses e...nesses seis meses parece que me deu assim... (pausa) mesmo vontade de mudar, não é? Mais do que de voltar. (p.01)
	Também sinto que faço parte	E quase no finzinho desses seis meses telefonou-me a Raquel, que eu conhecia de tempos da escola Reggio Emilia, em 2012, que fomos mantendo, de alguma maneira, o contacto...e ela telefonou-me a dizer que...a pessoa que estava cá com ela tinha ido embora e que ela não tinha muitas condições para me oferecer mas, que ela achava que este lugar era para mim. Pronto. E eu, a verdade, é que senti que sim. (p.01)
		RENATA - Você teve um investimento de vir até aqui, né? Não é um trabalho como uma outra escola, né? Tem uma identificação... CELINA - Ah! É da minha parte? Sim...sim. Eu escolhi vir para aqui também, fiz como os pais também...Eu escolhi vir pra aqui. E sim...nisso também sinto que faço parte, um bocadinho, da história do Heróis da Terra, sem parecer ser presunçosa (risos)...mas, é isso né? Vim para cá numa altura em que o Heróis da Terra ainda estava, realmente, a criar as primeiras coisas. Nisso eu também me sinto feliz por poder.. Oh! Pá! Poder fazer parte da criação de uma coisa nova, não é? De uma coisa...que dê esperança. (p.08/09)

mudança na educação	para o outro”	entre todos, entre as crianças, entre os pais, entre a equipa...É um caminho que se faz, não é possível à partida acharmos que estamos todos a falar a mesma.. (p.02)
		(...) E, se calhar, eu vinha com alguma expectativa de que isso já estava criado e que eu vinha só...e, depois não é possível, porque basta mudar uma pessoa...para ter que se voltar a...fazer isto outra vez...e... não é possível ser rápido, ser simples, ser...é uma coisa que nós temos de aprender também a fazer. (p.02)
	“Encontrar uma linha comum entre todos”	RENATA - E o não possível? CELINA - O quê que não é possível? Ser de um dia para o outro. Ser simples (risos). Ser pacífico...(pausa) porque, realmente, isso são coisas que sempre aconteceu em sítios que eu já estive, alguns com mais...dificuldade que outros, mas isto de encontrar uma linha comum entre todos, entre as crianças, entre os pais, entre a equipa...É um caminho que se faz, não é possível à partida acharmos que estamos todos a falar a mesma... RENATA - Uhum (expressão de confirmação). CELINA - A mesma linguagem. E, se calhar, eu vinha com alguma expectativa de que isso já estava criado e que eu vinha só...e, depois não é possível, porque basta mudar uma pessoa...para ter que se voltar a...fazer isto outra vez...e... não é possível ser rápido, ser simples, ser...é uma coisa que nós temos de aprender também a fazer. (p.02)
		RENATA - E como você acha que está sendo construída essa linguagem...(pausa) comum? CELINA – (...) Não, é isso, acho que vamos encontrando formas, o quê é que resulta a cada...a cada momento. Fazemos reuniões todas as tardes...Pronto, acho que ainda estamos um bocadinho à procura de como na prática, como é que isso vai funcionar. Acho que já todas temos consciência de que este trabalho de autorreflexão, ele é muito importante. E, com...com...a fazer a par com a famílias, a gente nunca sabe o que às vai...fazer mudar um comportamento. (p.03)
		RENATA - E como você acha que está sendo construída essa linguagem...(pausa) comum? CELINA – (...) Não, é isso, acho que vamos encontrando formas, o quê é que resulta a cada...a cada momento. Fazemos reuniões todas as tardes...Pronto, acho que ainda estamos um bocadinho à procura de como na prática, como é que isso vai funcionar. Acho que já todas temos consciência de que este trabalho de autorreflexão, ele é muito importante. E, com...com...a fazer a par com a famílias, a gente nunca sabe o que às vai...fazer mudar um comportamento. (p.03)
		RENATA - Mas, isso você diz em relação às crianças ou aos adultos? CELINA - Em relação aos adultos , sobretudo. Em relação às crianças...(pausa). Acho que nós, o nosso envolvimento diário nos permite ir resolvendo isto. Mas, depois, quando falamos em equipa ou quando falamos com os pais, é mais difícil. Porque requer um outro nível de entendimento intelectual e de ideais, e...Pronto...e das nossas personalidades todas, não é? As crianças são muito mais compassivas (<i>risos</i>). E nós, se quisermos, também somos mais compassivas com eles, às vezes...do que com os adultos...eu acho que é isso. (p.09)
	Não se acomodar	Acho que...há uma...(pausa). Acho que há uma outra coisa que é importante aqui no Heróis da Terra, que é este espírito de procura de...de tentar...não é fazer alguma coisa diferente por ser diferente, é...fazer aquilo que realmente...aquilo que acreditamos que pode fazer a diferença na educação, de como ela está estabelecida atualmente...e...e criar uma escola nova. O que eu sinto é, o Heróis da Terra pode, realmente, ser...um espaço de esperança para...para as pessoas. Eu disse que...eu sempre gostava muito que o ensino público fosse assim. Muito! E...para mim este tempo aqui é isso, é lutar para fazer uma coisa, de tal modo, boa para todos...que haja uma esperança, numa mudança real na escola e, que eu possa dizer, apesar das dificuldades, apesar de às vezes ser difícil, vale a pena. Vale mesmo a pena. E, isso eu acho que o Heróis da

		Terra também tem de bom. Eu acho que da parte de quem está cá neste momento, é este espírito de procura, tentar encontrar e não desistir, não...é fácil nos acomodarmos, não é? É fácil...(p.08)
	“Na prática isso se faz ou se é só teoria”	RENATA - Então, me conta um pouco da proposta. CELINA - Melhor perguntar à Raquel (risos). RENATA - Mas, você vive essa proposta no dia a dia, né? CELINA - Sim. RENATA - Acho que quem está ali com a mão...na massa todos os dias... CELINA – sim, isso é...(pausa). Eu acho que nós, também, ainda estamos as tantas a procura um bocado, à procura do que é que...(pausa). Do que que é o Heróis da Terra, não é? E, realmente, o quê que nós queremos com o Heróis da Terra, porque é isto, às vezes, é difícil. Nós também largamos, largamos determinadas formas de fazer que até pensávamos que estavam enraizadas. E...(pausa). A teoria, às vezes, é muito difícil de pôr na prática. O que eu acho é, sem dúvida que o projeto do Heróis da Terra é brincar, é brincar na natureza, está ligado a pedagogia de Reggio Emilia, no sentido da...do papel do educador, das propostas que são feitas, do espaço ter uma importância quase fundamental nas aprendizagens...(pausa, o pai da criança aparece na porta mais uma vez. Risos). Acho que, no dia a dia, nós ainda estamos a perceber como é que, realmente, na prática isso se faz ou se é só teoria. E...porque a proposta do Heróis da Terra é mesmo brincar a partir do.. do que eles nos vão...mostrando, não precisam de falar às vezes. Mas, do que eles nos vão mostrando, que são os interesses e como é que nos podemos os ajudá-los a transformar isso numa coisa enraizada neles...e...que seja realmente uma aprendizagem. E acho que isso é o aliciante do projeto do Heróis da Terra para mim. Acho que é...realmente, uma construção de como é que isso se faz, e...em conjunto. Para mim, o mais bonito do Heróis da Terra é...(pausa) aprendermos todos a fazer isto em...em conjunto. Acho que é...o que eu mais...é a vontade que eu tenho de vir todos os dias é porque sei que vamos fazer em conjunto com os miúdos, com...não há nada que não seja negociado com eles, não há nada que não seja... conversado. (p.03)
	Tomada de decisões	RENATA – Você falou em dificuldades...quais seriam, assim, essas? O quê que você percebe como as dificuldades? CELINA - Tem que se saber muito, muito bem porque é que estão a se decidir as coisas. Aqui as decisões não podem ser...não podem ser gratuitas, não podem ser porque sim, não podem ser porque dá menos trabalho ou mais trabalho <i>(pausa)</i>. Aqui as decisões têm...elas têm que ter um fundamento. (p.09) (...) Aqui as decisões têm...elas têm que ter um fundamento. E, às vezes, nós.. e o que eu sinto é...eu acho que sempre fiz isso. Mas, é muito fácil decidirmos com base no que nos apetece ou não, ou que achamos que é o melhor para todos. RENATA - Uhum <i>(expressão de confirmação)</i>. CELINA - Mas sem, realmente, ouvirmos todos. E, isso é muito difícil às vezes. (p.09) (...) E, isso é muito difícil às vezes. É difícil ter coragem para....para mudar dentro de nós, em primeiro lugar, e assumir que sim, que não poderemos estar a decidir pra um bem comum mas, por nós. E, às vezes, é difícil levar com as consequências das decisões que tomamos erradas. As boas não são difíceis, não é? As erradas ou as que não foram compreendidas, elas não estão erradas mas, podem não estar a serem compreendidas e aí é o nosso papel, fazer compreender...isso não é fácil. (p.09)
O não cumprimento	Influência a prática das	(...) A grande dificuldade é que.. eu acho que é um trabalho muito interno que acontece, e que....<i>(pausa)</i> que se manifesta depois nos outros, não é?...Nós recebemos todos os dias os pais e...isso eu acho que é importante para nós, recebê-los bem. Mesmo quando...já pedimos três mil vezes para chegarem até as nove e meia, e eles chegam às dez, né? E...como é que se faz depois disso, não é? É o quê então, que nós acreditamos que pode ser o melhor. (p.10)

dos horários	educador as	E, depois...quando...o atraso...eu ontem...Pronto, como tenho pensado muito nisto, ontem ia a lembrar de uma parte do “Príncipezinho”, em que a raposa está a dizer ao Príncipezinho que quando ele diz que vai chegar às três, o coração dela começa a se preparar para aquilo. E, eu acho, agora estou até emocionada, porque eu acho que acontece o mesmo conosco e com os miúdos. <i>(Chora)</i> É, nós nos preparamos desde as oito e meia para receber, não é? E para tudo começar de uma certa maneira...e, depois, o nosso coração até as dez já gastou as possibilidades todas de desculpa. E...(risos e choro), não sei por que estou a chorar, mas é...Mesmo com os miúdos que estão cá desde as oito e meia, as dez já estão super cansados. Já foi há uma hora e meia à espera dos amigos. Eu acho que isso, oh! Pá! Me toca muito o...nós preparamos o nosso coração para alguma coisa e eles preparam-se realmente. E, eu e a Cláudia também nos preparamos....para receber bem toda a gente, para termos tempo para as que estão a chorar e a gritar. E, depois, também fazemos o que não queremos que é recebê-los a força e recebê-los...a separa-los dos pais, e eles a gritar pelos pais...e nós a separar as galochas, isso não faz muito sentido. Não faz. (p.10) E, eu e a Cláudia também nos preparamos....para receber bem toda a gente, para termos tempo para as que estão a chorar e a gritar. E, depois, também fazemos o que não queremos que é recebê-los a força e recebê-los...a separa-los dos pais, e eles a gritar pelos pais...e nós a separar as galochas, isso não faz muito sentido. Não faz. (p.10) (...) Tem a ver com o respeito, com este preparar o coração para as coisas com...mesmo que se vá andar mais rápido um bocadinho, depois há qualquer coisa que vai valer a pena. Só que isto, se calhar, também não é uma coisa que vale a pena discutir com os pais, não é? (p.11) RENATA - Talvez seja por aí que você tem que ir para você conseguir sensibilizá-los, né? CELINA - É, por exemplo, agora o Lucas e a Cátia estão a conseguir chegar na hora. Noutro dia a Cátia. chegou às 09h40...eu já não tinha cara, não é? Eu abri a porta e disse: “ah! Vim buscar a Melina e a Flora...e depois...Pronto...É só pena, porque realmente perdemos muito tempo e não...e faz-nos perder energia e, faz-nos perder um bocadinho a manhã, que era o que nós tanto queríamos ganhar. E, a verdade é que hoje a mãe da Cátia e o pai do Lucas, que estão sempre atrasados, estavam cá às 09h25. Isso...por isso é que eu dizia há um bocado, o quê que toca o coração deles ou o quê que os pais, também, eles e a nós mudar de atitude. (p.11) (...) Isso...por isso é que eu dizia há um bocado, o quê que toca o coração deles ou o quê que os pais, também, eles e a nós mudar de atitude. Às vezes, nós não sabemos o quê que é, não é? E...agora temos uma decisão a tomar, o que se vai fazer com isto. Porque nós já fizemos isto anteriormente, nós já explicamos...não é aos pais novos, é aos pais que já estavam cá ano passado. Nós até fizemos uma paródia duma chegada aqui de manhã, que é: entra, bate a porta, depois sai, depois começa a reunião, depois sai a educadora porque está cá sozinha e tem que abrir a porta, depois, vem um menino e depois, afinal quer ir a casa de banho e não sei o quê, e fica o grupo todo à espera e fizemos uma paródia. Pronto, resultou durante dez dias virem mais a tempo, depois esquecem-se, se calhar também é isso, temos que lembrar. (p.11) (...) Mas é, realmente, o que eu sinto é pena. É mesmo pena. Porque, logo de manhã, um gasto de energia e...também serve para nós trabalharmos a nossa persistência e a nossa capacidade de superação, e serve sempre para nós de alguma coisa não é? Mas, sobretudo, para os meninos que eu acho que é...é pena. Não saberem todos de manhã cantar o bom dia...eu acho que nós, até, temos o cuidado de quando chega um, voltar a cantar, mas pronto, se calhar, cantar para ele não é importante, não sei. (p.11) (...) Pronto, acho que...outra das coisas que sinto é que, a vida nos fez perder tantos rituais que são importantes, que esses que nós conseguimos fazer aqui juntos também, acho que eles... (pausa) são importantes. Acho que é por isso que eu tenha tanta pena que eles cheguem atrasados. (p.11) CELINA - <i>(risos)</i> Vamos, não vamos? Pois, às vezes é uma coisa deste projeto...isto não é uma escola formal...das nove e meia se fecham portas ou assim e se... E, por isso que eu acho que é um desafio que é muito bom, e que sim tem estas dificuldades, porque nos vem em confronto também com nós os próprios, sobre o quê que nós queremos mesmo, o quê que nós acreditamos no mundo afinal, é o quê que nós podemos transformar...somos tão alternativos e tão fixos e tão transformadores, é o quê então? A nossa atitude, o nosso...é o quê? O quê que vai fora
-----------------	----------------	---

		do...esquema normal? Porque é muito fácil fazer condições nas escolas e pôr multas e fechar as portas...e pôr os pais de um lado e nós do outro, isso é super aliciante. Porque nos...<i>(risos)</i> aliviam de decisões que temos de tomar ou alternativas que temos que encontrar. Mas, aí estamos a fazer igual né? Só estamos num espaço privilegiado, mais nadinha... RENATA - A liberdade não é fácil. CELINA - Não...não. (p.12)
	Influencia as experiências das crianças	RENATA - E esse atraso, o quê que você acha que pode ser essa perda, assim, qual é a perda que tem com esse atraso constante? CELINA - Eu ainda hoje via isso que é, os que chegam atrasados ainda não sabem vestir e despir as galochas como devem ser. Não é que tenha muita importância vestir e despir como deve ser. Mas é, realmente, se é para ir ao ar livre e ser livre, a mim parece-me que é uma coisa importante que os torna mais livre a eles, que eles conseguem fazer e que conseguimos fazer em conjunto. E, sobretudo, crianças que já andam cá desde o ano passado, e que sempre chegaram atrasadas. (p.10) E, depois...quando...o atraso...eu ontem...Pronto, como tenho pensado muito nisto, ontem ia a lembrar de uma parte do “Príncipezinho”, em que a raposa está a dizer ao Príncipezinho que quando ele diz que vai chegar às três, o coração dela começa a se preparar para aquilo. E, eu acho, agora estou até emocionada, porque eu acho que acontece o mesmo conosco e com os miúdos. <i>(Chora)</i> É, nós nos preparamo-nos desde as oito e meia para receber, não é? E para tudo começar de uma certa maneira...e, depois, o nosso coração até as dez já gastou as possibilidades todas de desculpa. E...<i>(risos e choro)</i>, não sei por que estou a chorar, mas é...Mesmo com os miúdos que estão cá desde as oito e meia, as dez já estão super cansados. Já foi há uma hora e meia à espera dos amigos. Eu acho que isso, oh! Pá! Me toca muito o...nós prepararmos o nosso coração para alguma coisa e eles preparam-se realmente. E, eu e a Cláudia também nos preparamos....para receber bem toda a gente, para termos tempo para as que estão a chorar e a gritar. E, depois, também fazemos o que não queremos que é recebê-los a força e recebê-los...a separa-los dos pais, e eles a gritar pelos pais...e nós a separar as galochas, isso não faz muito sentido. Não faz. (p.10) (...)E, depois, também fazemos o que não queremos que é recebê-los a força e recebê-los...a separa-los dos pais, e eles a gritar pelos pais...e nós a separar as galochas, isso não faz muito sentido. Não faz. E acho, sinceramente, que também não foi isso que os pais escolheram quando escolheram pô-los aqui. Eles escolheram esta autonomia, escolheram esta capacidade de os filhos decidirem...isso, não tem a ver com eles fazerem o que querem. Não tem. (p.10) (...) Mas é, realmente, o que eu sinto é pena. É mesmo pena. Porque, logo de manhã, um gasto de energia e...também serve para nós trabalharmos a nossa persistência e a nossa capacidade de superação, e serve sempre para nós de alguma coisa não é? Mas, sobretudo, para os meninos que eu acho que é...é pena. Não saberem todos de manhã cantar o bom dia...eu acho que nós, até, temos o cuidado de quando chega um, voltar a cantar, mas pronto, se calhar, cantar para ele não é importante, não sei. (p.11)
	Papel das famílias	(...)E, depois, também fazemos o que não queremos que é recebê-los a força e recebê-los...a separa-los dos pais, e eles a gritar pelos pais...e nós a separar as galochas, isso não faz muito sentido. Não faz. E acho, sinceramente, que também não foi isso que os pais escolheram quando escolheram pô-los aqui. Eles escolheram esta autonomia, escolheram esta capacidade de os filhos decidirem...isso, não tem a ver com eles fazerem o que querem. Não tem. (p.10) (...) Tem a ver com o respeito, com este preparar o coração para as coisas com...mesmo que se vá andar mais rápido um bocadinho, depois há qualquer coisa que vai valer a pena. Só que isto, se calhar, também não é uma coisa que vale a pena discutir com os pais, não é? (p.11) RENATA - Talvez seja por aí que você tem que ir para você conseguir sensibilizá-los, né? CELINA - É, por exemplo, agora o Lucas e a Cátia estão a conseguir chegar na hora. Noutro dia a Cátia. chegou às 09h40...eu já não tinha cara, não é? Eu abri a porta e disse: “ah! Vim buscar a Melina e a Flora...e depois...Pronto...É só pena, porque realmente perdemos muito tempo e não...e

		faz-nos perder energia e, faz-nos perder um bocadinho a manhã, que era o que nós tanto queríamos ganhar. E, a verdade é que hoje a mãe da Cátia e o pai do Lucas, que estão sempre atrasados, estavam cá às 09h25. Isso...por isso é que eu dizia há um bocado, o quê que toca o coração deles ou o quê que os pais, também, eles e a nós mudar de atitude. (p.11) (...) Mas é, realmente, o que eu sinto é pena. É mesmo pena. Porque, logo de manhã, um gasto de energia e...também serve para nós trabalharmos a nossa persistência e a nossa capacidade de superação, e serve sempre para nós de alguma coisa não é? Mas, sobretudo, para os meninos que eu acho que é...é pena. Não saberem todos de manhã cantar o bom dia...eu acho que nós, até, temos o cuidado de quando chega um, voltar a cantar, mas pronto, se calhar, cantar para ele não é importante, não sei. (p.11)
Orientações da ação pedagógica		
Referências Teóricas		RENATA - Então, me conta um pouco da proposta. CELINA - Melhor perguntar à Raquel (risos). RENATA - Mas, você vive essa proposta no dia a dia, né? CELINA - Sim. RENATA - Acho que quem está ali com a mão...na massa todos os dias... CELINA – (...) O que eu acho é, sem dúvida que o projeto do Heróis da Terra é brincar, é brincar na natureza, está ligado a pedagogia de Reggio Emilia, no sentido da...do papel do educador, das propostas que são feitas, do espaço ter uma importância quase fundamental nas aprendizagens...(pausa, o pai da criança aparece na porta mais uma vez. Risos). Acho que, no dia a dia, nós ainda estamos a perceber como é que, realmente, na prática isso se faz ou se é só teoria. E...porque a proposta do Heróis da Terra é mesmo brincar a partir do.. do que eles nos vão...mostrando, não precisam de falar às vezes. Mas, do que eles nos vão mostrando, que são os interesses e como é que nos podemos os ajudá-los a transformar isso numa coisa enraizada neles...e...que seja realmente uma aprendizagem. E acho que isso é o aliciante do projeto do Heróis da Terra para mim. Acho que é...realmente, uma construção de como é que isso se faz, e...em conjunto. Para mim, o mais bonito do Heróis da Terra é...(pausa) aprendermos todos a fazer isto em...em conjunto. Acho que é...o que eu mais...é a vontade que eu tenho de vir todos os dias é porque sei que vamos fazer em conjunto com os miúdos, com...não há nada que não seja negociado com eles, não há nada que não seja... conversado. (p.03/04)
Conceção de Aprendizagem (visão holística)		RENATA - E o que você acha que são essas coisas possíveis e não possíveis? CELINA – É realmente aprender...a brincar. E...aprender no meio da natureza. Tanto em termos cognitivos, como em termos afetivos, como das aprendizagens motoras. Ou seja, todas as coisas que estão definidas nas orientações curriculares, e que, normalmente, fazemos formalmente, ou organizamos coisas formais para poderem acontecer...(pausa). A brincar e a brincar na natureza elas acontecem na mesma, o nosso papel como educadora é que tem mesmo que mudar e, às vezes, isso é que é o difícil... (p.02)
Conceções sobre o Projeto Educativo		RENATA - Então, me conta um pouco da proposta. CELINA - Melhor perguntar à Raquel (risos). RENATA - Mas, você vive essa proposta no dia a dia, né? CELINA - Sim. RENATA - Acho que quem está ali com a mão...na massa todos os dias... CELINA – sim, isso é...(pausa). Eu acho que nós, também, ainda estamos as tantas a procura um bocado, à procura do que é que...(pausa). Do que que é o Heróis da Terra, não é? E, realmente, o quê que nós queremos com o Heróis da Terra, porque é isto, às vezes, é difícil. Nós

	também largamos, largamos determinadas formas de fazer que até pensávamos que estavam enraizadas. E...(pausa). A teoria, às vezes, é muito difícil de pôr na prática. (p.03)
	(...) Acho que, no dia a dia, nós ainda estamos a perceber como é que, realmente, na prática isso se faz ou se é só teoria. E...porque a proposta do Heróis da Terra é mesmo brincar a partir do.. do que eles nos vão...mostrando, não precisam de falar às vezes. Mas, do que eles nos vão mostrando, que são os interesses e como é que nos podemos os ajudá-los a transformar isso numa coisa enraizada neles...e...que seja realmente uma aprendizagem...(p.03)
	E acho que isso é o aliciante do projeto do Heróis da Terra para mim. Acho que é...realmente, uma construção de como é que isso se faz, e...em conjunto. Para mim, o mais bonito do Heróis da Terra é...(pausa) aprendermos todos a fazer isto em...em conjunto. (p.03)
	Acho que é...o que eu mais...é a vontade que eu tenho de vir todos os dias é porque sei que vamos fazer em conjunto com os miúdos, com...não há nada que não seja negociado com eles, não há nada que não seja... conversado. (p.03)
	Acho que, no dia a dia, nós ainda estamos a perceber como é que, realmente, na prática isso se faz ou se é só teoria. E... porque a proposta do Heróis da Terra é mesmo brincar a partir do.. do que eles nos vão...mostrando, não precisam de falar às vezes. Mas, do que eles nos vão mostrando, que são os interesses e como é que nos podemos os ajudá-los a transformar isso numa coisa enraizada neles...e...que seja realmente uma aprendizagem. (p.03/04) RENATA - E como vocês escolhem esses projetos? CELINA - Às vezes, escolhemos redondamente. (<i>Risos</i>). Escolhemos...(pausa). Olha, o que está agora a decorrer que tem a ver com casas, começou porque eles...apareceu um monte de desenhos de casas. E...depois, quem é que morava nessas casas, de quem eram as casas, se elas eram altas, por exemplo, a Flora faz sempre casas altas...a Dora faz sempre casas que parecem que estão a rir-se. Até que fomos conhecendo estas casas e um dia decidimos fazer uma provocação...(barulho de vento, não é possível ouvir o que ela diz) e a verdade é que foi, (pausa) eles foram construindo casas, tanto tridimensionalmente como em desenho...como é que eles imaginavam casas...com o que está nessas caixas? Depois as caixas também se transformaram em barcos, depois também se transformaram em comboios, depois...depois foi por aí a fora. Agora, até se fez ali uma casa mas, também se está a repensar como é que sabe fazer. Qual... como é que era a pergunta? Já até me esqueci (<i>risos</i>). Era como é que...(p.07)
Brincar / brincar na natureza	RENATA - Então, me conta um pouco da proposta. CELINA - Melhor perguntar à Raquel (<i>risos</i>). RENATA - Mas, você vive essa proposta no dia a dia, né? CELINA - Sim. RENATA - Acho que quem está ali com a mão...na massa todos os dias... CELINA - (...) O que eu acho é, sem dúvida que o projeto do Heróis da Terra é brincar, é brincar na natureza, está ligado a pedagogia de Reggio Emilia, no sentido da...do papel do educador, das propostas que são feitas, do espaço ter uma importância quase fundamental nas aprendizagens...(pausa, o pai da criança aparece na porta mais uma vez. <i>Risos</i>). (p.03/04)
	Acho que, no dia a dia, nós ainda estamos a perceber como é que, realmente, na prática isso se faz ou se é só teoria. E... porque a proposta do Heróis da Terra é mesmo brincar a partir do.. do que eles nos vão...mostrando, não precisam de falar às vezes. Mas, do que eles nos vão mostrando, que são os interesses e como é que nos podemos os ajudá-los a transformar isso numa coisa enraizada neles...e...que seja realmente uma aprendizagem. E acho que isso é o aliciante do projeto do Heróis da Terra para mim. Acho que é...realmente, uma construção de como é que isso se faz, e...em conjunto. Para mim, o mais bonito do Heróis da Terra é...(pausa) aprendermos todos a fazer isto em...em conjunto. Acho que é...o

		que eu mais...é a vontade que eu tenho de vir todos os dias é porque sei que vamos fazer em conjunto com os miúdos, com...não há nada que não seja negociado com eles, não há nada que não seja... conversado. (p.03/04)
Importância dos espaços		RENATA - E o quê que nesse lugar você acha que era para você? CELINA – (...) Não ter que sempre estar a inventar coisas ou sempre a criar, porque ele está criado a partir do espaço da casa ou do espaço da horta ou do espaço da floresta. Eles, à partida, já tem muitas formas de exploração e... (p.01)
		RENATA - E o quê que nesse lugar você acha que era para você? CELINA - É... (pausa). Em termos do espaço em si, óh pá, é o verde todo, e esta possibilidade de fazermos o que nos.. o que nos, é...(pausa) sugere o espaço também, não é? (p.01)
		CELINA – (...) O que eu acho é, sem dúvida que o projeto do Heróis da Terra é brincar, é brincar na natureza, está ligado a pedagogia de Reggio Emilia, no sentido da...do papel do educador, das propostas que são feitas, do espaço ter uma importância quase fundamental nas aprendizagens... (pausa, o pai da criança aparece na porta mais uma vez. Risos). (p.03)
Importância – espaços exteriores	“Ao ar livre, respira-se”	RENATA - Essa era uma das minhas perguntas, assim...o quê que a gente aprende ao ar livre? O quê que essas crianças aprendem ao ar livre? <i>(Mais uma vez o pai interrompe, rindo: “Desta vez é tchau”)</i> CELINA - Tchau <i>(risos)</i> . Elas aprendem...(pausa longa). É assim, elas podem aprender de tudo dentro da sala, a autonomia...a gestão de conflitos, a matemática...mas, ao ar livre, respira-se. Ao ar livre...(pausa), o corpo tem um outro tipo de reação. E isso eu vejo muita diferença entre os anos todos em que estive em sala. E, aqui acontecem os conflitos na mesma, acontecem asneiras, acontece a alegria, acontece a euforia, acontece tudo na mesma...(p.05)
		(...) Mas, o ar livre permite-nos respirar, permite-nos sentir coisas diferentes, o verão não é igual ao inverno. (p.05)
	“Permite-nos sentir coisas diferentes”	RENATA - Essa era uma das minhas perguntas, assim...o quê que a gente aprende ao ar livre? O quê que essas crianças aprendem ao ar livre? <i>(Mais uma vez o pai interrompe, rindo: “Desta vez é tchau”)</i> CELINA - Tchau <i>(risos)</i> . Elas aprendem...(pausa longa). É assim, elas podem aprender de tudo dentro da sala, a autonomia...a gestão de conflitos, a matemática...mas, ao ar livre, respira-se. Ao ar livre...(pausa), o corpo tem um outro tipo de reação. E isso eu vejo muita diferença entre os anos todos em que estive em sala. E, aqui acontecem os conflitos na mesma, acontecem asneiras, acontece a alegria, acontece a euforia, acontece tudo na mesma...(p.05)
		(...) Mas, o ar livre permite-nos respirar, permite-nos sentir coisas diferentes, o verão não é igual ao inverno. No verão, nós andamos todos aqui nus a tomar banho...No inverno, temos de pôr os carapuços e temos de discutir se tá frio ou se não tá frio; e se tá vento, se não ficou constipado; se vai lá para fora como tá vestido ou se pode ir constipado, mas tem que ir agasalhado...Isso são conversas que não se têm dentro de uma sala aquecida, não se tem...Só se tem porque o vento bate, e porque chove. Porque chove mesmo em cima de nós, e nós, às vezes, até escolhemos ficar dentro de sala, porque tá...tá a chover um tantinho e incomoda. Ou, então não, até está a chover muito e é mais divertido ir lá para fora, mas, não é uma decisão tomada, a partida, pelo adulto...por proteção. (p.05)
	“Aprender a viver com ele”	O ar livre...nós temos de aprender a viver com ele...como pessoas. E é livre.. é mesmo isso, ao ar livre...Não tenho muitos estudos sobre isso? <i>(Risos)</i> . É só a minha sensação. <i>(Risos)</i> (p.05)
No interior		RENATA - E o que você acha que são essas coisas possíveis e não possíveis? CELINA – É realmente aprender...a brincar. E... aprender no meio da natureza. Tanto em termos cognitivos, como em termos afetivos, como das aprendizagens motoras. Ou seja, todas as coisas que estão definidas nas orientações curriculares, e que, normalmente, fazemos

x no exterior	“Acontecem na mesma”	formalmente, ou organizamos coisas formais para poderem acontecer...(pausa). A brincar e a brincar na natureza elas acontecem na mesma, o nosso papel como educadora é que tem mesmo que mudar e, às vezes, isso é que é o difícil... (p.02) RENATA - Essa era uma das minhas perguntas, assim...o quê que a gente aprende ao ar livre? O quê que essas crianças aprendem ao ar livre? <i>(Mais uma vez o pai interrompe, rindo: “Desta vez é tchau”)</i> CELINA - Tchau <i>(risos)</i>. Elas aprendem...(pausa longa). É assim, elas podem aprender de tudo dentro da sala, a autonomia...a gestão de conflitos, a matemática...mas, ao ar livre, respira-se. Ao ar livre...(pausa), o corpo tem um outro tipo de reação. E isso eu vejo muita diferença entre os anos todos em que estive em sala. E, aqui acontecem os conflitos na mesma, acontecem asneiras, acontece a alegria, acontece a euforia, acontece tudo na mesma...(p.05)
	“Não temos este nível de profundidade na aprendizagem das coisas”	RENATA - Por que educação e natureza? CELINA - (...) E, então, é preciso observar, é preciso esperar...até eu tenho reaprendido muito com esse estar na natureza. Não há...acho que não é possível...Podemos fazer muitas coisas dentro de sala mas, não temos este nível de profundidade na aprendizagem das coisas. Eu acho que isso é...o que eu vejo acontecer na vida deles...estando aqui. E é o que eu, também, sinto que acontece na nossa vida, sendo educadora da natureza. (p.04)
Sobre a ação pedagógica da educador/a		
Posicionamento pedagógico	Seguir os interesses das crianças	(...)E...porque a proposta do Heróis da Terra é mesmo brincar a partir do...do que eles nos vão...mostrando, não precisam de falar às vezes. Mas, do que eles nos vão mostrando, que são os interesses e como é que nos podemos os ajudá-los a transformar isso numa coisa enraizada neles...e...que seja realmente uma aprendizagem. E acho que isso é o aliciente do projeto do Heróis da Terra para mim. Acho que é...realmente, uma construção de como é que isso se faz, e...em conjunto. Para mim, o mais bonito do Heróis da Terra é...(pausa) aprendermos todos a fazer isto em...em conjunto. Acho que é...o que eu mais...é a vontade que eu tenho de vir todos os dias é porque sei que vamos fazer em conjunto com os miúdos, com...não há nada que não seja negociado com eles, não há nada que não seja... conversado. (p.04)
		RENATA - E como vocês escolhem esses projetos? CELINA - Às vezes, escolhemos redondamente. <i>(Risos)</i>. Escolhemos...(pausa). Olha, o que está agora a decorrer que tem a ver com casas, começou porque eles...apareceu um monte de desenhos de casas. E...depois, quem é que morava nessas casas, de quem eram as casas, se elas eram altas, por exemplo, a Flora faz sempre casas altas...a Dora faz sempre casas que parecem que estão a rir-se. Até que fomos conhecendo estas casas e um dia decidimos fazer uma provocação...(barulho de vento, não é possível ouvir o que ela diz) e a verdade é que foi, (pausa) eles foram construindo casas, tanto tridimensionalmente como em desenho...como é que eles imaginavam casas...com o que está nessas caixas? Depois as caixas também se transformaram em barcos, depois também se transformaram em comboios, depois...depois foi por aí a fora. Agora, até se fez ali uma casa mas, também se está a repensar como é que sabe fazer. Qual... como é que era a pergunta? Já até me esqueci <i>(risos)</i>. Era como é que...(p.07)
		(...) Em que nós olhamos para a manhã...e tentamos conversar sobre como está a correr a semana ou o projeto e tentamos, pelo menos pôr mais um passo ou o quê que nós achamos que pode ser o caminho para eles seguirem. Também não é muito...não conseguimos projetar a longo prazo. Como vai sendo diário...(pausa), nós fazemos a agenda semanal mas, muitas vezes, nós alteramos a agenda semanal pelo o quê nós sentimos que está a

		ser importante. Mas, às vezes, os projetos vão desaparecendo, depois reaparece mais a frente e cruza-se com outros...mas, nós temos é todos os dias olhar e ver o que pode ser proposto ou não...e registrar o que eles também nos disseram ou o que eles nos mostraram ou o quê sentimos que é importante para eles. (p.06)
	“É o que nós também sentimos que... Eles necessita m...”	(...) Em que nós olhamos para a manhã...e tentamos conversar sobre como está a correr a semana ou o projeto e tentamos, pelo menos pôr mais um passo ou o quê que nós achamos que pode ser o caminho para eles seguirem. Também não é muito...não conseguimos projetar a longo prazo. Como vai sendo diário...(pausa), nós fazemos a agenda semanal mas, muitas vezes, nós alteramos a agenda semanal pelo o quê nós sentimos que está a ser importante. Mas, às vezes, os projetos vão desaparecendo, depois reaparece mais a frente e cruza-se com outros...mas, nós temos é todos os dias olhar e ver o que pode ser proposto ou não...e registrar o que eles também nos disseram ou o que eles nos mostraram ou o quê sentimos que é importante para eles. (p.06) RENATA - <i>(Risos)</i> Como vocês escolhem os projetos? Como ele é.. CELINA - É isso...é pela observação. E, pelas conversas que vamos tendo com eles. E o que sentimos, também, às vezes, o que é importante.. eles adoram as bicicletas e os carros e, nós, às vezes, tiramos as bicicletas e os carros para a garagem ou para a oficina, não é? Está tudo estragado...olha, ou alguém tirou...para podermos permitir outro tipo de exploração. Mas, às vezes, não é só que eles dizem que necessitam, é o que nós também sentimos que... Eles necessitam... Sem dizer. (p.07)
	Planejar	(...) Em que nós olhamos para a manhã...e tentamos conversar sobre como está a correr a semana ou o projeto e tentamos, pelo menos pôr mais um passo ou o quê que nós achamos que pode ser o caminho para eles seguirem. Também não é muito...não conseguimos projetar a longo prazo. Como vai sendo diário...(pausa), nós fazemos a agenda semanal mas, muitas vezes, nós alteramos a agenda semanal pelo o quê nós sentimos que está a ser importante. Mas, às vezes, os projetos vão desaparecendo, depois reaparece mais a frente e cruza-se com outros...mas, nós temos é todos os dias olhar e ver o que pode ser proposto ou não...e registrar o que eles também nos disseram ou o que eles nos mostraram ou o quê sentimos que é importante para eles. (p.06) (...) Em que nós olhamos para a manhã.. e tentamos conversar sobre como está a correr a semana ou o projeto e tentamos, pelo menos pôr mais um passo ou o quê que nós achamos que pode ser o caminho para eles seguirem. Também não é muito...não conseguimos projetar a longo prazo. Como vai sendo diário...(pausa), nós fazemos a agenda semanal mas, muitas vezes, nós alteramos a agenda semanal pelo o quê nós sentimos que está a ser importante. (p.06) (...) Mas, às vezes, os projetos vão desaparecendo, depois reaparece mais a frente e cruza-se com outros...mas, nós temos é todos os dias olhar e ver o que pode ser proposto ou não...e registrar o que eles também nos disseram ou o que eles nos mostraram ou o quê sentimos que é importante para eles. (p.06)
Observar		(...) Mas, às vezes, os projetos vão desaparecendo, depois reaparece mais a frente e cruza-se com outros...mas, nós temos é todos os dias olhar e ver o que pode ser proposto ou não...e registrar o que eles também nos disseram ou o que eles nos mostraram ou o quê sentimos que é importante para eles. (p.06) RENATA - E como vocês escolhem esses projetos? CELINA - Às vezes, escolhemos redondamente. <i>(Risos)</i>. Escolhemos...(pausa). Olha, o que está agora a decorrer que tem a ver com casas, começou porque eles...apareceu um monte de desenhos de casas. E...depois, quem é que morava nessas casas, de quem eram as casas, se elas eram altas, por exemplo, a Flora faz sempre casas altas...a Dora faz sempre casas que parecem que estão a rir-se. Até que fomos conhecendo estas casas e um dia decidimos fazer uma provocação...(barulho de vento, não é possível ouvir o que ela diz) e a verdade é que foi, (pausa) eles foram construindo casas, tanto tridimensionalmente como em desenho...como é que eles imaginavam casas...com o que está nessas caixas? Depois as

		caixas também se transformaram em barcos, depois também se transformaram em comboios, depois...depois foi por aí a fora. Agora, até se fez ali uma casa mas, também se está a repensar como é que sabe fazer. Qual... como é que era a pergunta? Já até me esqueci (<i>risos</i>). Era como é que...(p.07)
		RENATA - (<i>Risos</i>) Como vocês escolhem os projetos? Como ele é.. CELINA - É isso...é pela observação . E, pelas conversas que vamos tendo com eles. E o que sentimos, também, às vezes, o que é importante.. eles adoram as bicicletas e os carros e, nós, às vezes, tiramos as bicicletas e os carros para a garagem ou para a oficina, não é? Está tudo estragado...olha, ou alguém tirou...para podermos permitir outro tipo de exploração. Mas, às vezes, não é só que eles dizem que necessitam, é o que nós também sentimos que... Eles necessitam... Sem dizer. (p.07)
Registrar		(...) Mas, às vezes, os projetos vão desaparecendo, depois reaparece mais a frente e cruza-se com outros...mas, nós temos é todos os dias olhar e ver o que pode ser proposto ou não...e registrar o que eles também nos disseram ou o que eles nos mostraram ou o quê sentimos que é importante para eles . (p.06)
Provocar		RENATA - E o que você acha que são essas coisas possíveis e não possíveis? CELINA - É realmente aprender...a brincar. E...aprender no meio da natureza. Tanto em termos cognitivos, como em termos afetivos, como das aprendizagens motoras. Ou seja, todas as coisas que estão definidas nas orientações curriculares, e que, normalmente, fazemos formalmente, ou organizamos coisas formais para poderem acontecer...(pausa). A brincar e a brincar na natureza elas acontecem na mesma, o nosso papel como educadora é que tem mesmo que mudar e, às vezes, isso é que é o difícil... RENATA - Uhum (expressão de confirmação). CELINA - De gerir, mas, isso que eu desconfiava que era possível haver uma outra maneira, é possível. Não... eu agora não tenho dúvidas. Exige é muito de nós essa transformação. Era isso que me estavas a perguntar? (p.02)
		RENATA - E como vocês escolhem esses projetos? CELINA - Às vezes, escolhemos redondamente. (<i>Risos</i>). Escolhemos...(pausa). Olha, o que está agora a decorrer que tem a ver com casas, começou porque eles...apareceu um monte de desenhos de casas. E...depois, quem é que morava nessas casas, de quem eram as casas, se elas eram altas, por exemplo, a Flora faz sempre casas altas...a Dora faz sempre casas que parecem que estão a rir-se. Até que fomos conhecendo estas casas e um dia decidimos fazer uma provocação...(barulho de vento, não é possível ouvir o que ela diz) e a verdade é que foi, (pausa) eles foram construindo casas, tanto tridimensionalmente como em desenho...como é que eles imaginavam casas...com o que está nessas caixas? Depois as caixas também se transformaram em barcos, depois também se transformaram em comboios, depois...depois foi por aí a fora. Agora, até se fez ali uma casa mas, também se está a repensar como é que sabe fazer. Qual... como é que era a pergunta? Já até me esqueci (<i>risos</i>). Era como é que...(p.07)
		RENATA - (<i>Risos</i>) Como vocês escolhem os projetos? Como ele é.. CELINA - É isso...é pela observação. E, pelas conversas que vamos tendo com eles. E o que sentimos, também, às vezes, o que é importante.. eles adoram as bicicletas e os carros e, nós, às vezes, tiramos as bicicletas e os carros para a garagem ou para a oficina, não é? Está tudo estragado...olha, ou alguém tirou... para podermos permitir outro tipo de exploração. Mas, às vezes, não é só que eles dizem que necessitam, é o que nós também sentimos que... Eles necessitam... Sem dizer . (p.07)
Rotina	Não há regra fixa	Primeiro os pais chegam atrasados. e a gente fica zangado (<i>Risos. Conversamos sobre isso no caminho para o Heróis da Terra</i>). Não...(pausa) eles começam a chegar as oito e meia e, depois...(pausa). Isso é uma das coisas que temos de aprender a fazer, não é? Mas, a nossa ideia é sempre de manhã nos juntarmos e darmos os...bom-dias...falamos um bocadinho...às vezes, há logo as preocupações nessa altura...ou há projetos que estão a ser desenvolvidos e como é que vamos fazer... (p.05)

		(...) às vezes, há logo as preocupações nessa altura...ou há projetos que estão a ser desenvolvidos e como é que vamos fazer... esse momento depende da chegada ou não das crianças, e do tempo...e se vamos ou não sair...e de quanto tempo que vamos levar a sair. Portanto...mesmo de dia para dia não há, assim, uma regra muito fixa da manhã. (p.05)
		(...) às vezes, há logo as preocupações nessa altura...ou há projetos que estão a ser desenvolvidos e como é que vamos fazer...esse momento depende da chegada ou não das crianças, e do tempo...e se vamos ou não sair...e de quanto tempo que vamos levar a sair. Portanto...mesmo de dia para dia não há, assim, uma regra muito fixa da manhã. (p.05)
		(...) Portanto...mesmo de dia para dia não há, assim, uma regra muito fixa da manhã. Por quê? Porque, se formos sair e estiver a chover, mal eles chegam e já têm de se começar a vestir os impermeáveis. Às vezes, eles chegam todos ao mesmo tempo portanto, optamos por não fazer reunião e vestir logo os impermeáveis, saímos e fazemos a reunião na floresta ou na horta. (p.05)
		(...) Portanto...mesmo de dia para dia não há, assim, uma regra muito fixa da manhã. Por quê? Porque, se formos sair e estiver a chover, mal eles chegam e já têm de se começar a vestir os impermeáveis. Às vezes, eles chegam todos ao mesmo tempo portanto, optamos por não fazer reunião e vestir logo os impermeáveis, saímos e fazemos a reunião na floresta ou na horta. (p.05)
		(...) Mas, depende...normalmente depois dessa reunião, ou...(pausa) eles vão brincar livremente ou há uma provocação qualquer ou uma proposta qualquer para o dia e, é nesse momento que ela acontece. (p.06)
		(...) Na horta, às vezes, nós vamos só até a horta, aconteceu hoje, né? O Senhor N. andava lá a cavar então ficam uns lá a cavar, e há outros que vão brincar para a cozinha de lama... depois havia ali umas sementes de aspargos... Ou seja, o que acontece depois, também depende do que é que nós encontramos no dia. A não ser que esteja algum projeto a decorrer e nós usamos essas horas da manhã para desenvolvê-lo. (p.06)
		(...) Na horta, às vezes, nós vamos só até a horta, aconteceu hoje, né? O Senhor N. andava lá a cavar então ficam uns lá a cavar, e há outros que vão brincar para a cozinha de lama...depois havia ali umas sementes de aspargos...Ou seja, o que acontece depois, também depende do que é que nós encontramos no dia. A não ser que esteja algum projeto a decorrer e nós usamos essas horas da manhã para desenvolvê-lo. (p.06)
	Manhã	Primeiro os pais chegam atrasados. e a gente fica zangado (<i>Risos. Conversamos sobre isso no caminho para o Heróis da Terra</i>). Não...(pausa) eles começam a chegar as oito e meia e, depois...(pausa). Isso é uma das coisas que temos de aprender a fazer, não é? Mas, a nossa ideia é sempre de manhã nos juntarmos e darmos os...bom-dias...falamos um bocadinho... (p.05)
		(...) Mas, a nossa ideia é sempre de manhã nos juntarmos e darmos os...bom-dias...falamos um bocadinho... às vezes, há logo as preocupações nessa altura...ou há projetos que estão a ser desenvolvidos e como é que vamos fazer... esse momento depende da chegada ou não das crianças, e do tempo...e se vamos ou não sair...e de quanto tempo que vamos levar a sair. Portanto...mesmo de dia para dia não há, assim, uma regra muito fixa da manhã. Por quê? Porque, se formos sair e estiver a chover, mal eles chegam e já têm de se começar a vestir os impermeáveis. Às vezes, eles chegam todos ao mesmo tempo portanto, optamos por não fazer reunião e vestir logo os impermeáveis, saímos e fazemos a reunião na floresta ou na horta. (p.05)
		(...) Portanto...mesmo de dia para dia não há, assim, uma regra muito fixa da manhã. Por quê? Porque, se formos sair e estiver a chover, mal eles chegam e já têm de se começar a vestir os impermeáveis. Às vezes, eles chegam todos ao mesmo tempo portanto, optamos por não fazer reunião e vestir logo os impermeáveis, saímos e fazemos a reunião na floresta ou na horta. (p.05)
		(...) Mas, depende...normalmente depois dessa reunião, ou...(pausa) eles vão brincar livremente ou há uma provocação qualquer ou uma proposta qualquer para o dia e, é nesse momento que ela acontece. (p.06)
		(...) Depois, agora até alteramos... ao meio dia e meio, almoçamos todos juntos no Heróis da Terra ou no verão, às vezes, fazemos piqueniques na floresta ou na horta. (p.06)

	Tarde	(...) E, depois é o momento da sesta, todos se deitam, todos descansam um bocadinho. É uma grande...uma grande luta as famílias e com as crianças. Mas, estamos a tentar que...pelo menos descansar, podem não dormir, mas aquele momento de paragem, para inteirar o que aconteceu de manhã e separar...o ritmo alucinado é... <i>(pausa)</i>. Achamos mesmo que é importante, até pelas experiências que fomos tendo o ano passado. (p.06) (...) E, depois, a parte da tarde, a nossa ideia é...este ano temos um grupo muito pequenino, ano passado...isto tem sempre alterações, né? Este ano já não vem crianças só da parte da tarde, as que vêm, vem o dia inteiro. E, nós estamos a tentar que, depois desse acordar, quando todos já estão acordados, antes do lanche, haja uma pequena reflexão sobre o que foi a manhã. Não estar a ser ainda muito bem conseguido, exatamente porque os ritmos deles ainda são muito diferentes. Mas, era a nossa intenção terminar...(p.06)
Conceção de Crianças		
Participação	“Eu acho que é grande!”	Acho que é...o que eu mais...é a vontade que eu tenho de vir todos os dias é porque sei que vamos fazer em conjunto com os miúdos, com...não há nada que não seja negociado com eles, não há nada que não seja... conversado. (p.03) RENATA - E como você acha que é a participação crianças aqui no Heróis da Terra? CELINA - <i>(pausa longa)</i> Eu acho que é grande! Acho que, às vezes, devia mais do que nós...nós achamos...isso também, pronto, vai se tornando mais exigente, né? <i>(barulho do vento, impossível de entender o que é falado)</i>...eles têm muita opinião sobre o que está a acontecer e conseguem expressar. E conseguem...dizer-nos também o quê que é para eles, o quê que eles querem. Por isso que eu sinto que sim, eles têm...que eles têm bastante participação. Apesar de eu, na minha exigência, achar que ainda não chegamos a bom...a um bom lugar. (p.07)
		RENATA - E como você acha que é a participação crianças aqui no Heróis da Terra? CELINA - <i>(pausa longa)</i> Eu acho que é grande! Acho que, às vezes, devia mais do que nós...nós achamos...isso também, pronto, vai se tornando mais exigente, né? <i>(barulho do vento, impossível de entender o que é falado)</i>... (p.07)
	“Ainda não chegamos a bom...a um bom lugar”	(...) <i>(barulho do vento, impossível de entender o que é falado)</i>...eles têm muita opinião sobre o que está a acontecer e conseguem expressar. E conseguem...dizer-nos também o quê que é para eles, o quê que eles querem. Por isso que eu sinto que sim, eles têm...que eles têm bastante participação. Apesar de eu, na minha exigência, achar que ainda não chegamos a bom...a um bom lugar. (p.07)
		RENATA - Onde que é esse lugar que você queria chegar? CELINA - Não sei...não é querer fazer deles adultos, não é? Mas, é...realmente, um...(pausa). Um momento em que as decisões e...estas planificações, estas projecções...são mesmas feitas por eles e nós conseguimos ouvi-los realmente...E fazer com eles. Não é que eu ache que isso não acontece, mas, eu acho que pode ser um...pode ser melhor. (p.08)
Autonomia liberdade	/	(...) Mas, depende...normalmente depois dessa reunião, ou...<i>(pausa)</i> eles vão brincar livremente ou há uma provocação qualquer ou uma proposta qualquer para o dia e, é nesse momento que ela acontece. (p.06)
		(...) Na horta, às vezes, nós vamos só até a horta, aconteceu hoje, né? O Senhor N. andava lá a cavar então ficam uns lá a cavar, e há outros que vão brincar para a cozinha de lama...depois havia ali umas sementes de aspargos...Ou seja, o que acontece depois, também depende do que é que nós encontramos no dia. A não ser que esteja algum projeto a decorrer e nós usamos essas horas da manhã para desenvolvê-lo. (p.06)
		RENATA - E esse atraso, o quê que você acha que pode ser essa perda, assim, qual é a perda que tem com esse atraso constante? CELINA - Eu ainda hoje via isso que é, os que chegam atrasados ainda não sabem vestir e despir as galochas como devem ser. Não é que tenha muita importância vestir e despir como deve ser. Mas é, realmente, se é para ir ao ar livre e ser livre, a mim parece-me que é uma coisa

		importante que os torna mais livre a eles, que eles conseguem fazer e que conseguimos fazer em conjunto. E, sobretudo, crianças que já andam cá desde o ano passado, e que sempre chegaram atrasadas. (p.10) RENATA - E como você acha que as crianças vivem essa liberdade? Se elas vivem... CELINA - Qual? RENATA - A gente falou muito, de ao ar livre, de estar livre... CELINA - Oh pá! Eu acho que eles vivem mesmo livres, às vezes não. Mas, pronto. Acho que no geral, sim...eles vivem bastante livres e nós não andamos...sempre atrás deles a dizer o quê que eles <i>não</i> podem fazer...acho que, às vezes, não estamos a alguma liberdade que eles têm. Mas, acho que eles até gostam disso (<i>risos</i>). Uns meses mais tarde contam-nos o quê é que fizeram com a liberdade que lhes foi dada...(<i>risos</i>) E...isso eu também acho que é um...uma coisa boa deles. É a privacidade deles, é...é um encontro deles com eles mesmos, e...e com os seus amigos, e nós não temos nada a ver com isso. (p.12) RENATA - E como você acha que as crianças vivem essa liberdade? Se elas vivem... CELINA - (...)Por exemplo, ano passado eu fui expulsa de uma reunião... RENATA - É (<i>risos</i>). Eu lembro. CELINA - Como é que era? (<i>Risos</i>). “Estamos a ter uma conversa discreta”? (<i>risos</i>) RENATA - Discreta? Acho que era.. Conversa discreta. (<i>Risos</i>) CELINA - (<i>Risos</i>) Pronto, ok...tenham lá a sua conversa discreta (<i>risos</i>) e vou-me embora...Mas acho que sim. Acho que eles usam mesmo...(pausa) para fazer as coisas que eles têm que fazer e que tem que experimentar...e nisso eu confio muito no Heróis da Terra, ser um sítio super para isso, que é para experimentarem tanto o ser muito amigos quanto o não ser nada amigos, como... fazer complôs uns contra os outros. Eu acho que isso é importante para que eles vão...todos nós fazemos isso na vida, em determinada altura. E, o facto deles fazerem aqui e nós podermos falar sobre isso...eu acho que é uma possibilidade de liberdade muito boa para eles...poderem, oh, pá! Andarem aí a pancada e a seguir levarem com a consequência de terem levado à pancadaria. Ou estarem todos a gozar com um e também levarem com a consequência de estarem todos a gozar com um. RENATA - Pois... CELINA - Tem essa liberdade. Também levam com a consequência da liberdade (<i>risos</i>), que é... depois, às vezes, ninguém quer brincar com o que anda sempre a bater. RENATA - Pois... CELINA - Se calhar, não foi a melhor maneira de...de pedir para brincar, não é? Mas, (<i>risos</i>) é a liberdade. Tu pode usar como tu quiseres...(<i>risos</i>) vais levar também (<i>risos</i>). (p.12/13)
Conceções sobre as famílias		
Participação	Escolhe m essa proposta	RENATA - E como você vê a participação das famílias? CELINA – (pausa) É...são famílias que, a partida, escolhem isto por...(pausa) não é um sítio que é exigido eles frequentarem. Por isso, eles escolhem esse sítio, identificam-se com as propostas que são feitas e...nesse sentido eu acho que elas são muito...participativas. (p.03)
		(...) Acho que, também, estamos a tentar criar com elas como é que é esta...participação e.. como é que é o limite da...(pausa). Da nossa intervenção, da participação deles, mas...mas, são famílias, que é isto, que a partida escolhem este sítio por se identificarem com a...(pausa) com o quê é proposto em termos de projeto. (p.03)

	“Elas são muito...participativas”	RENATA - E como você vê a participação das famílias? CELINA – (pausa) É...são famílias que, a partida, escolhem isto por...(pausa) não é um sítio que é exigido eles frequentarem. Por isso, eles escolhem esse sítio, identificam-se com as propostas que são feitas e... nesse sentido eu acho que elas são muito...participativas. (Pausa, o pai volta para devolver a chave do portão). Envolvem-se, participam nas atividades...dão muitas sugestões...de funcionamento, de... (pausa). Acho que, também, estamos a tentar criar com elas como é que é esta...participação e.. como é que é o limite da...(pausa). Da nossa intervenção, da participação deles, mas...mas, são famílias, que é isto, que a partida escolhem este sítio por se identificarem com a...(pausa) com o quê é proposto em termos de projeto. (p.03)
	Desafios da	RENATA - E como você vê a participação das famílias? CELINA – (pausa) É...são famílias que, a partida, escolhem isto por...(pausa) não é um sítio que é exigido eles frequentarem. Por isso, eles escolhem esse sítio, identificam-se com as propostas que são feitas e...nesse sentido eu acho que elas são muito...participativas. (Pausa, o pai volta para devolver a chave do portão). Envolvem-se, participam nas atividades...dão muitas sugestões...de funcionamento, de...(pausa). Acho que, também, estamos a tentar criar com elas como é que é esta...participação e.. como é que é o limite da...(pausa). Da nossa intervenção, da participação deles, mas...mas, são famílias, que é isto, que a partida escolhem este sítio por se identificarem com a...(pausa) com o quê é proposto em termos de projeto. (p.03)
		RENATA - Essa é...atrás disso que eu vim. (Risos). Me conta de um dia no Heróis da Terra, como é o cotidiano... CELINA - Primeiro os pais chegam atrasados. e a gente fica zangado (Risos. Conversamos <i>sobre isso no caminho para o Heróis da Terra</i>). Não...(pausa) eles começam a chegar as oito e meia e, depois...(pausa). Isso é uma das coisas que temos de aprender a fazer, não é? Mas, a nossa ideia é sempre de manhã nos juntarmos e darmos os...bom-dias...falamos um bocadinho...(p.05)
Conceções sobre a natureza		
Importância		RENATA - Por que educação e natureza? CELINA - (barulho externo de vento) E pá, é porque se respira no ar (Risos). Eu sempre achei que não tinha desligado tanto da natureza mas, agora que estou aqui, é que percebi... é que percebi...o quão nós nos vamos desligando e o quão importante os temas da natureza são na nossa vida. Os ciclos, os ritmos...a paciência...a persistência...a morte... (p.04)
		RENATA - Por que educação e natureza? CELINA - (barulho externo de vento) E pá, é porque se respira no ar (Risos). Eu sempre achei que não tinha desligado tanto da natureza mas, agora que estou aqui, é que percebi... é que percebi...o quão nós nos vamos desligando e o quão importante os temas da natureza são na nossa vida. Os ciclos, os ritmos...a paciência...a persistência...a morte... (p.04)
Ciclos / ritmos / “coisas que nós não manobramos”		RENATA - Por que educação e natureza? CELINA - (barulho externo de vento) E pá, é porque se respira no ar (Risos). Eu sempre achei que não tinha desligado tanto da natureza mas, agora que estou aqui, é que percebi... é que percebi...o quão nós nos vamos desligando e o quão importante os temas da natureza são na nossa vida. Os ciclos, os ritmos...a paciência...a persistência...a morte... (p.04)
		Os ciclos, os ritmos...a paciência...a persistência...a morte... RENATA – A cadela morreu... CELINA - Eles ainda falam muito disso...eles veem a tristeza do Bianca...isto tudo...todo esse conjunto de coisas que nós não manobramos na natureza, que nós não podemos... (p.04)

	(...) Nós não forçamos um tomate a crescer fora da época, a não ser que...se faça por isso. Mas, aqui não se faz isso. E, então, é preciso observar, é preciso esperar...até eu tenho reaprendido muito com esse estar na natureza. Não há...acho que não é possível...Podemos fazer muitas coisas dentro de sala mas, não temos este nível de profundidade na aprendizagem das coisas. Eu acho que isso é...o que eu vejo acontecer na vida deles...estando aqui. E é o que eu, também, sinto que acontece na nossa vida, sendo educadora da natureza. (p.04) Mas, o ar livre permite-nos respirar, permite-nos sentir coisas diferentes, o verão não é igual ao inverno. No verão, nós andamos todos aqui nus a tomar banho...No inverno, temos de pôr os carapuços e temos de discutir se tá frio ou se não tá frio; e se tá vento, se não ficou constipado; se vai lá para fora como tá vestido ou se pode ir constipado, mas tem que ir agasalhado...Isso são conversas que não se têm dentro de uma sala aquecida, não se tem...Só se tem porque o vento bate, e porque chove. Porque chove mesmo em cima de nós, e nós, às vezes, até escolhemos ficar dentro de sala, porque tá...tá a chover um tantinho e incomoda. Ou, então não, até está a chover muito e é mais divertido ir lá para fora, mas, não é uma decisão tomada, a partida, pelo adulto...por proteção. O ar livre...nós temos de aprender a viver com ele...como pessoas. E é livre.. é mesmo isso, ao ar livre...Não tenho muitos estudos sobre isso? <i>(Risos)</i>. É só a minha sensação. <i>(Risos)</i> (p.05)
Palco de aprendizagens	RENATA - E o que você acha que são essas coisas possíveis e não possíveis? CELINA – É realmente aprender...a brincar. E...aprender no meio da natureza. Tanto em termos cognitivos, como em termos afetivos, como das aprendizagens motoras. Ou seja, todas as coisas que estão definidas nas orientações curriculares, e que, normalmente, fazemos formalmente, ou organizamos coisas formais para poderem acontecer...(pausa). A brincar e a brincar na natureza elas acontecem na mesma, o nosso papel como educadora é que tem mesmo que mudar e, às vezes, isso é que é o difícil... (p.02) RENATA - Por que educação e natureza? CELINA - (...) E, então, é preciso observar, é preciso esperar...até eu tenho reaprendido muito com esse estar na natureza. Não há...acho que não é possível...Podemos fazer muitas coisas dentro de sala mas, não temos este nível de profundidade na aprendizagem das coisas. Eu acho que isso é...o que eu vejo acontecer na vida deles...estando aqui. E é o que eu, também, sinto que acontece na nossa vida, sendo educadora da natureza. (p.04) RENATA - Essa era uma das minhas perguntas, assim...o quê que a gente aprende ao ar livre? O quê que essas crianças aprendem ao ar livre? <i>(Mais uma vez o pai interrompe, rindo: “Desta vez é tchau”)</i> CELINA - Tchau <i>(risos)</i>. Elas aprendem...(pausa longa). É assim, elas podem aprender de tudo dentro da sala, a autonomia...a gestão de conflitos, a matemática...mas, ao ar livre, respira-se. Ao ar livre...(pausa), o corpo tem um outro tipo de reação. E isso eu vejo muita diferença entre os anos todos em que estive em sala. E, aqui acontecem os conflitos na mesma, acontecem asneiras, acontece a alegria, acontece a euforia, acontece tudo na mesma...(p.05) O ar livre...nós temos de aprender a viver com ele...como pessoas. E é livre.. é mesmo isso, ao ar livre...Não tenho muitos estudos sobre isso? <i>(Risos)</i>. É só a minha sensação. <i>(Risos)</i> (p.05)